

to de McLuhan ou, pelo menos, analisam os temas sobre os quais ele também reflecte. Na verdade, com a publicação, nos anos 1960, dos textos maiores de McLuhan, *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* e *Understanding the Media: The Extensions of Man*, as suas ideias desencadearam, desde logo, opiniões críticas apaixonadas, tanto pelo seu conteúdo original, como pelo seu discurso considerado, por muitos, como pouco académico e muito metafórico e literário. Precisamente, um dos aspectos mais fecundos do texto de Subtil é essa confrontação/ligação das ideias de McLuhan com os seus principais comentadores, e com outros autores que tomam a técnica como o centro dos seus discursos.

De entre os comentadores, destaco o americano James Carey que se esforçou, desde os anos 1960, em mostrar aos académicos a potencialidade crítica do pensamento de McLuhan, mas também, por exemplo, Jean Baudrillard, cujo conceito de *simulação* é tributário de McLuhan, reconhecendo que ‘o meio é a mensagem’ é a fórmula-chave da era da simulação” (p. 144). Baudrillard, ao analisar os media, chega, porém, a conclusões muito diferentes de McLuhan. Os meios de comunicação electrónicos e digitais, nomeadamente o computador, não condizem, segundo Baudrillard, à nooesfera de Theillard de Chardin – onde ‘tecnologia e teologia se associam para a constituição de um centro transcendente de unificação e personificação da humanidade’ (p.164) – corolário de uma suposta utopia informacional cristã, cujo operador tecnológico – a Internet – constituiria o centro e da qual McLuhan estaria muito próximo. Na visão distópica de Baudrillard, a cultura electrónica da comunicação não se aproxima da aldeia global, mas da inércia, silêncio e indiferença, nas sociedades contemporâneas.

Outra discussão importante do texto de Filipa Subtil é aquilo que a autora designa como escola canadiana da comunicação e da qual fazem parte McLuhan, Kerkhove, Spry, Grant e, em particular, Harold Innis (1894-1952), um economista e intelectual muito respeitado, pioneiro do pensamento sobre a globalização, a quem McLuhan muito deve, o que o próprio McLuhan reconhece, expressamente, em *The Gutenberg Galaxy*. Na realidade, Innis, quarenta anos antes de McLuhan, compreendeu bem a importância dos meios

de comunicação para a modificação da experiência do tempo e do espaço humanos, e as suas consequências para as transformações operadas na sociedade. No entanto, se Harold Innis influenciou McLuhan nesta intuição fundamental da importância da forma, a verdade é que McLuhan, como bem observa Filipa Subtil, se distancia radicalmente de Innis, ao considerar as tecnologias da informação não só no centro da cultura e da organização social, mas essencialmente ‘no *sensorium* e no sistema nervoso’ (p. 139), alargando o seu pensamento sobre a comunicação para registos insuspeitados na teoria económica e social de Innis.

Terminarei, de seguida, associando-me à crítica expressa por Filipa Subtil, na conclusão do seu livro, crítica dirigida à persistente dificuldade da investigação sociológica e também comunicacional em incorporar as novas direcções que os textos de McLuhan e de Innis abriram para o estudo dos meios de comunicação e da relação entre tecnologia, sociedade e a expansão do significado.

José Carlos Vasconcelos e Sá
Instituto Superior Miguel Torga

A.A. Long. 2006. *From Epicurus to Epictetus: Studies in Hellenistic and Roman Philosophy*. Oxford: Oxford University Press. 439 pp. ISBN: 978-0-19-927911-X.

‘Vazias são as palavras dos filósofos que não oferecem tratamento para o sofrimento humano’, escreveu Epicuro. E duplamente bem: porque é verdade, e porque, naquela época, os filósofos substituíam, com vantagem, os psicólogos. A. A. Long é uma lenda dos estudos clássicos e um interessado na articulação dos estudos clássicos com a psicologia e com a ética. Long nasceu em Manchester, tem 70 anos e é professor na Universidade de Berkeley, EUA. Não está traduzido em Portugal. Naturalmente: o mito da estupidez americana tem de ser convenientemente alimentado.

Com excepção do 17º ensaio – *Seneca on the self* – todos os outros já foram publicados anteriormente, mas aparecem revistos e actualizados nesta edição. Se quiséssemos simplificar – e irritar o Prof. Long – tudo se resume à velha cisão entre epicuristas e es-

tóicos. Como viver sem os deuses? Como suportar a dor, a infelicidade e a má sorte e, ao mesmo tempo, conseguir viver de acordo com um código de conduta, que postula que aquilo que é bom, para mim, também o é para os outros?

A atitude epicurista de alheamento perante as proezas e a vida mesquinha ('liberdade dos assuntos quotidianos e da política') é defendida por Long. Não se trata de promover o individualismo como um valor em si, antes o elogio da possibilidade de respeitar a ordem natural das coisas. Os leitores que procurem Lucrecio (*De Rerum Natura*) e confirmem.

Os psicólogos e os psiquiatras, armados com as suas magias modernas, talvez estranhem os *tetrapaharmakos* de Epicuro: *Deus não atemoriza / A morte não preocupa / O Bom é alcançável / O Mal é suportável*. O recolhimento epicurista bordeja o entendimento do Eu que os estóicos, com Séneca e Epicteto à cabeça, propõem. Esse entendimento assenta numa visão do mundo que, se é excêntrica para a fábrica social dos dias de hoje, contempla, no entanto, aspectos crucialmente contemporâneos. Isso explica, em parte, a dedicação de Foucault a Séneca, de resto, a parte mais entediante do livro do Prof. Long.

A obsessão com o corpo e o direito à felicidade são matérias desprezadas pelos epicuristas e pelos estóicos. Já o domínio do tempo, ao qual Long dedica boas e bem escritas páginas, justifica parte da ressurreição

epicurista e imperial-romana. O tempo, 'esse grande escultor', na definição doméstica de Yourcenar, 'é a única coisa que é nossa', avisa Séneca. Quase se poderia dizer que é um desleixo dos deuses que os homens, muitas vezes, se encarregam de desperdiçar.

Numa das cartas a Lucílio, Séneca conta como se dá conta do seu envelhecimento, quando repara que as paredes da casa e as árvores da quinta que construiu se desgastaram. A nossa obra é mortal, as nossas relações, os nossos amores, os nossos cães são mortais. Nos dias de hoje, a bem dizer desde meados do século XIX, suportamos uma vida frequentemente desinteressante, em nome de mais vida: frequentemente, tanto ou mais desinteressante do que a que já vivemos.

A juvenalização da cultura actual – decorência inevitável dos dois pressupostos acima mencionados – acaba por desembocar numa deprimente solidão. A aprendizagem das filosofias das civilizações axiais europeias não permite nenhum encantamento cinematográfico – como acontece com o budismo de pacote – mas é muito útil. Petrarca, que Long não utiliza, na sua sinédoque estóico-cristã, imortalizou-se, oferecendo conselhos para a boa e para a má fortuna: tudo depende do uso que lhe damos. É um pouco como este livro. Na dúvida, use-o para equilibrar um sofá, mas, nesse caso, compre a edição hardcover.

Filipe Nunes Vicente
Instituto Superior Miguel Torga